Eu, enigma de mim...

Raiblue

Não sei bem o que escorre por dentro de mim, apenas sei que existe mar, venezas sob as gôndolas do tempo, submersas na eternidade de tudo que não falo, contudo pulsa, lateja e explode nos caminhos sem fundo...

Cada gota desse oceano, nada pacífico, é um segundo que se transforma em minutos, depois em horas, dias, anos, e a vida vai afundando mar adentro, em espirais líquidas, porque viver é assim, fluido, sanguíneo, rio vermelho a desaguar no azul do outro lado, aquele outro mundo secreto, onde a vida parece ser possível ainda...

Um silêncio eloqüente resiste ao barulho das horas dos ponteiros do tempo cronológico e descobre um outro, não linear, que insiste em me revelar segredos...
Loucura? Paradoxo? Não. O imaginário em mim não é oposto ao real, mas é a própria realidade, a mais intensa e verdadeira! Fora dele, sou estrangeira, num país que não entendo nem sou entendida. Sou sombra, poeira, qualquer coisa amorfa e inodora, no meio do nada das cidades recortadas pela ilusão do existir...

Penso, logo existo? Definitivamente descarto Descartes e insisto no sentir...
Nunca fui cartesiana, sou inteiramente clareceana, caminhando sobre os desordenados eixos... Um contínuo ‘quase’ vai se estendendo nas linhas à minha procura, mas nunca me encontra, para que eu não acabe, para que não cesse a busca, a fim de que continue a aventura do secreto e suas naufragâncias...

Se quiserem me conhecer, precisam me virar pelo avesso e descobrir esse ‘isto’ que vai se revelando em cada canto de mim, têm que saber brincar de esconde-esconde no meio da terra do nunca, onde tudo pode acontecer...

No avesso do avesso, sou a Sampa exaltada por Caetano, nos trilhos urbanos da realidade desvairada, no trem descolorido, do qual somos passageiros da ilusão, vagões de medo, meros aglomerados de solidão...

Já nos meus interiores, sou a cidade desconhecida, fora do mapa, desenhada pela utopia de, pedra a pedra, reerguer um novo país. Sou um templo contornado por um rio, onde Buda aguarda o instante de iluminação, no silêncio percussivo da poesia pulsando nas paisagens pintadas pela imaginação, onde o hábito de reinventar-me se tornou habitat...

O meu novelo não é para encontrar saídas, contudo é para me lançar dentro do labirinto, atravessar as teias de neurônios e desvendar complexos sistemas do inconsciente, dar pausa na sensatez que me algema ao inferno dos tempos modernos, e , através da intuição, penetrar o sonho que me liberta, que solta o instinto domado, enjaulado pelas grades do preconceito que rege a (des)humanidade!.

Cá, desse outro lado, perfuro as retinas do diabo criado lá fora, e mergulho no meu desejo leve, livre e luminoso... Relâmpagos rasgam o céu que arde dentro de minha escuridão; uma seda azul, finíssima, cobre o meu silêncio grávido de poesia...

O cosmos se prepara para o parto, tudo vibra, as contrações aceleram, no aparente silêncio da inspiração...

As sílabas são vaga-lumes que vão se agrupando formando a grande lamparina da palavra que vai decifrando-me: Eu, enigma de mim...
E a lua vai enchendo as horas, engravidando o tempo, gestando a poesia...

Tento fingir, como faço lá fora, desafio seu poder de traduzir, mas a palavra é um milagre que acontece antes da gente, é ela que nos domina, portanto, lutar com as palavras é mesmo uma luta vã, eis uma verdade drummondiana.

Entrego-me aos seus tentáculos, surdamente, e ela me envolve como amante, ora intensa,

ora macia, escandalosa e discreta, sempre sedutora!

Seguimos juntas pelos meus interiores congelados. O seu fogo derrete as geleiras do coração... Sobre o cimento, antártidas são transformadas em mar, de onde emergem sílabas precipitadas no fundo das águas lodosas do cotidiano, que extrai o poema ainda em estado bruto...

Um grito sufocado borbulha na superfície das águas, a palavra insiste em seguir, em romper a placenta do tempo de pedra e descobrir seixos de emoção nas bordas do meu ser, bordando sílaba por sílaba em meus contornos, restos retidos em sulcos secretos, que guardam o profano e o sagrado, no vai e vem das ondas em minhas veias, fluxo intensivo, arteriais caminhos...

No abrir e fechar de minhas pálpebras-borboletas alçando vôos sobre as águas, entre um movimento e outro, o sol da palavra vai emergindo do horizonte escondido por trás das horas, e o instante se abre na eternidade do verso, auroras vão enchendo a maré que transborda entre as rimas, cantarolando e rolando sobre as areias do tempo que agora invento.

E, por fim, descubro a música nas espumas das sílabas poéticas se misturando às minhas ondas, vibramos no mesmo ritmo, até que a explosão aconteça, e o poema seja jorrado num jato intenso e luminoso, sobre as dunas do meu corpo...

E tudo é só arrepio, a tinta derramada sobre texturas ásperas e macias, molhadas pela palavra lambendo e expandindo meus pensamentos. Entrego-me aos seus movimentos, à sua dança e à sua lâmina afiada excitando os meus sentidos... Êxtase!!

Agora sou toda conotativa, encantei-me ao toque dos lábios da palavra mágica! Ela, esfinge! Eu, enigma....

Não nos decifre, deixe-se devorar, permita-se ser mastigado, assim como eu fui, até ser transformado em cascatas de sílabas azuis, e , então, não saiba mais onde começa ou termina

a viagem, pois tudo se tornara travessia...pura poesia... odara!

Deixe-se dançar nos musi (cais) das palavras e,
assim, tudo possa ficar jóia rara, qualquer coisa
que se sonhara... Cante e dance e tudo dará...

(Raiblue)

Obra original disponível em:
http://www.overmundo.com.br/banco/eu-enigma-de-mim